

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

WILLIAN BONFANTI DO NASCIMENTO

HOLOCAUSTO: TESTEMUNHO, MEMÓRIA E IMAGEM

CRICIÚMA

2018

WILLIAN BONFANTI DO NASCIMENTO

HOLOCAUSTO: TESTEMUNHO, MEMÓRIA E IMAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. Me. Tiago da Silva Coelho

CRICIÚMA

2018

WILLIAN BONFANTI DO NASCIMENTO

HOLOCAUSTO: TESTEMUNHO, MEMÓRIA E IMAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História Contemporânea.

Criciúma, 29 de Novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Tiago da Silva Coelho - Mestre - (UNESC) - Orientador

Prof. Michele Gonçalves Cardoso - Doutora - (UNESC)

Prof. Michelle Maria Stakonski Cechinel - Mestra - (UNESC)

Dedico esse trabalho à minha mãe. Mulher guerreira, que apesar de todas as dificuldades, não deixou de acreditar em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela proteção dada nesses anos de caminhada e por estar comigo em todos os momentos difíceis da minha vida.

A minha mãe Clara Bonfanti pelo apoio e pela confiança dada em todo a minha graduação. Devo tudo o que sou a ela. Obrigada por tudo. Eu a amo incondicionalmente.

Agradeço ao meu irmão Anderson Bonfanti pelo apoio durante a minha graduação e pelo suporte nos momentos de dificuldades.

Agradeço a minha esposa Jéssica Fernandes pelo carinho, pela paciência e pelo apoio incondicional. Em meios a muitas dificuldades, encontrou forças para me dar todo apoio necessário e por me fazer acreditar em meus sonhos.

Aos meus amigos Felipe Machado e Renata Machado pelos conselhos e indicações para ajudar a completar esse trabalho.

Ao meu orientador Tiago Coelho, pela ajuda no desenvolvimento desse trabalho, pelo apoio nos momentos difíceis e incompreensíveis da pesquisa, por ter acreditado em mim e nesse projeto. Não canso de dizer que um dia serei seu colega de trabalho.

A todos os professores do curso de História – Unesc, pela ajuda nessa caminhada de quatro anos. Deixo aqui registrado todo o meu carinho, o meu respeito e minha admiração por todos eles. Agradeço a todos pela ajuda em todos os momentos em que precisei. Devo a vocês Professores Paulo Sérgio Osório, Marli de Oliveira, João Henrique Zanelatto, Michele Cardoso, Michele Stakonski, Carlos Renato Carola, Lucy Osteto e a Coordenação do Curso de História - Unesc na realização desse trabalho.

Aos meus amigos Arthur Videira, Luana Melo, Nathalia Cabral, pelo apoio e ajuda nos momentos de dificuldade. Aos meus colegas Diego Caetano, Jodoel Cardoso, Cinthia Magnus, Marina Schneider, Ariel Medeiros, Lizi Acordi, Ray Lira, Renata Nascimento e a todos os outros pelos momentos de descontração e alegria pelos quais passamos todos esses anos de convivência na graduação. Espero que nossa amizade continue por muitos anos.

Aos colegas do Curso de Pedagogia, na qual frequentei algumas disciplinas, pelas risadas e pela alegria.

Aos colegas do Curso de Geografia na qual pude compartilhar momentos de aprendizagem em disciplinas mutuas.

Concluo aqui meus agradecimentos a todas as pessoas que me acompanharam nessa jornada e de antemão, desejo muito sucesso nessa nova etapa pós graduação.

Por fim, deixo aqui registrado que a História nos faz sensibilizar e mostrar as pessoas que reflitam sobre o passado, e que apesar de atos de crueldade em que o ser humano é capaz de cometer contra o seu semelhante, nos leva a nos tornar mais críticos sobre as nossas ações.

“Todos sofremos coisas aqui que a mente humana não consegue imaginar.”

Marcel Nadjari

RESUMO

A história do Holocausto é algo abordado pela historiografia desde os anos 1970. E, no que diz respeito aos campos de concentração nazista, existem muitos escritos que trazem como personagens dessa história os sobreviventes. Assim está pesquisa que se insere no campo da história cultural, objetiva refletir sobre os diferentes momentos dentro do contexto da sociedade alemã durante o regime nazista (1933-1945), em particular nos campos de concentração (1942-1945). As fontes que nos ajudaram a problematizar esta temática foram as biografias e os depoimentos documentados dos sobreviventes. Nossa abordagem se pautou na discussão de memória, imagem do Holocausto, procurando compreender como esses sobreviventes reconheciam sua história e como ultrapassaram a barreira do medo de falar sobre o que houve nos campos. Escolhemos analisar um campo de extermínio, o de Auschwitz, para que possamos conhecer um pouco dessa fábrica de morte. Discutimos o uso de imagem para legitimar as testemunhas. Na análise desses testemunhos, percebemos o quão difícil é de abordar esse tema sem empatia.

Palavras-chave: Holocausto, Memória, Imagem

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Solomon Honig.....	33
Figura 2 – Prisioneiros aguardando atendimento médico.	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NSDAP	Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Nazista)
SD	Sicherheitsdienst – Grupos de Ação
SS	Schutzstaffel – Tropas de Proteção

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO 1: A POLÍTICA NAZISTA E O PRELÚDIO AO HOLOCAUSTO JUDEU	14
1.1 O INÍCIO DA BANALIDADE DO MAL	14
1.2 HOLOCAUSTO, CHURBAN, SHOAH	17
CAPITULO 2: HOLOCAUSTO: MEMÓRIA E TESTEMUNHO.....	23
CAPITULO 3: HOLOCAUSTO: IMAGEM E TESTEMUNHO	31
3.1 HOLOCAUSTO: IMAGEM E ENSINO DE HISTÓRIA.....	38
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

Enquanto aluno do Ensino Médio, um tema bastante explorado até então, me levou a querer conhecer mais sobre o passado. Queria entender todos os caminhos que levaram o ser humano a entrar numa guerra. Num momento busquei conhecimento nas várias histórias contadas nos livros sobre a luta entre Aliados e o Nazismo e suas gloriosas vitórias nos campos de batalha na Europa. Filmes e fotografias foram suficientes para alimentar meu desejo.

A Segunda Guerra Mundial¹ foi e é um objeto de pesquisa para muitos historiadores contemporâneos. Dentro deste tema, há muitas problemáticas exploradas e muitos questionamentos, como a presença desta temática, por exemplo nos livros didáticos. Queria entender como muitas narrativas sobre a Segunda Guerra ficavam restritas a notas ou balões explicativos em se tratando do Holocausto, por exemplo. Por que, a abordagem desta temática é tão superficial? Qual a explicação para que não se discuta profundamente o Holocausto? Pensando nessas duas questões, percebo que o “falar” sobre um tema tão complicado é árduo. Nessa concepção de buscar entender o quão é complexo falar do Holocausto, observei um caminho paralelo para achar essas respostas através de um campo relativamente novo na historiografia brasileira, denominado pedagogia do ensino dos traumas coletivos com ênfase no Holocausto Judeu².

Quando iniciei a minha pesquisa, busquei a compreensão do principal empecilho que não deixava saber mais sobre as experiências que os sobreviventes tiveram antes da libertação dos campos de extermínio: o trauma. Muitos sobreviventes deram ao mundo todo o conhecimento do que ocorria nos campos de trabalho e nos de extermínio e trabalho.

Para dialogar com o trauma que os sobreviventes carregaram ou ainda carregam, usarei imagens colorizadas de prisioneiros, fotos estas para ter uma aproximação da realidade vivida por eles e de seus relatos. Buscando compreender esse campo, propondo trabalhar o conceito de *trauma coletivo* e o uso da imagem no ensino do Holocausto. Entretanto, o professor leva ao conhecimento do aluno os fatos assim narrados em livros didáticos, levando uma perspectiva de uma histórica

¹ Usei esse termo durante o decorrer do trabalho, pois diferente da Primeira Grande Guerra, na qual essa foi um conflito restrito apenas na Europa, a Segunda Guerra Mundial envolveu países dos cinco continentes.

² Pedagogia dos Traumas Coletivos é um estudo sobre temas que envolvem uma discussão sobre o papel da escola e do ensino de história em meio aos eventos traumático decorrentes de ditaduras ou regimes totalitários.

ditada tradicional, onde o aluno não se faz pensador crítico, tratando o Holocausto judeu como mero acontecimento.

Apesar do tema ser obrigatório na disciplina de História, sendo reconhecido como crime de guerra, onde em 17 de dezembro de 1942, líderes de Estados Unidos, Grã Bretanha e União Soviética, declararam em conjunto que o assassinato em massa de judeus era um crime contra a humanidade, devemos salientar que não se trata apenas de assassinato de judeus, mas de outros grupos – ciganos, homossexuais, negros - que foram perseguidos e mortos pelos Nazistas.

Após o final da Segunda Guerra, entre 18 de outubro de 1945 e 1º de outubro de 1946, o TMI (Tribunal Militar Internacional) julgou 22 "grandes" criminosos de guerra sob acusações de crimes contra a paz, crimes de guerra e crimes contra a humanidade, além da acusação de terem conspirado para cometê-los. O TMI definiu crimes contra a humanidade como "assassinato, extermínio, escravidão, deportação ou perseguições com bases políticas, raciais ou religiosas". Doze destes condenados foram sentenciados à morte, dentre eles, o marechal do Reich Hermann Göring, Hans Frank, Alfred Rosenberg e Julius Streicher³.

Assim, discutir tal temática, envolve muita sensibilidade para abordar os processos que levaram ao extermínio de milhares de pessoas de formas imaginadas. Não há vencedores e nem derrotados na visão total de uma guerra, mas é importante pensar como podemos trabalhar esse assunto em sala de aula fugindo da heroização e/ou demonização como forma explicativa.

Um importante recurso que pode ser utilizado, seria os recursos visuais tais como imagens, com elas podemos fazer aproximações com as informações que os sobreviventes se propuseram a relatar. Em suma, os estudos sobre o Holocausto são indiscutíveis sobre o que aconteceu nos campos de extermínio. Relatos, depoimentos, marcas corporais, afirmam em sua totalidade as ações de uma sociedade que se dizia civilizada e “acima” de qualquer outra.

Neste presente trabalho, propus uma divisão em três capítulos, sendo o primeiro com o título *A política Nazista e o prelúdio ao Holocausto*, divididos em dois momentos: apresento em um primeiro momento, um breve contexto vivido pela Alemanha na década de 1920 e suas ondas políticas e antissemitas, ações que já vinham anteriores a Primeira Grande Guerra. Ainda nesse contexto, busquei

³Para maiores informações conferir: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005140> acesso em 09/08/2018

explicar os momentos que antecederam a subida do Nacional Socialismo ao poder e suas políticas antissemitas. Ao tratar dessas políticas e ações antissemitas, faço uma narrativa sobre os termos utilizados após o fim da Segunda Guerra Mundial com base na historiografia do Holocausto, levando em consideração suas ações, concepções e memória dos sobreviventes.

No segundo capítulo intitulado *Holocausto: Memória e Testemunho*, trouxe uma discussão entre as biografias dos sobreviventes e o conceito de memória e trauma. Os relatos dos sobreviventes muitas vezes desacreditados, fazem parte das produções historiográficas do Holocausto. Muitos ao narrar suas experiências, ainda se utilizam do silêncio como escudo para as críticas.

No terceiro capítulo Holocausto: Imagem e Memória, trabalho o uso de imagem como ferramenta de afirmação do testemunho de sobreviventes, utilizando imagens colorizadas para dar ênfase aos traumas vividos pelos sobreviventes dos campos de extermínio Nazista. Partindo dessa perspectiva, busco alinhar o ensino do Holocausto e as relações de ódio presentes atualmente e visando combater esse viés social. O papel dos professores de História e da Escola são fundamentais para que ações como o Holocausto não possam (re)surgir em meio a ondas xenófobas e racistas do nosso tempo presente.

Compreendemos que este trabalho possibilita uma reflexão sobre o que a historiografia do Holocausto produziu até agora e como o processo de Ensino de História trata o tema. Ao encarar um tema sensível como este, podemos elucidar os problemas que enfrentamos diariamente em se tratando do racismo e intolerância, principalmente em sala de aula.

CAPITULO 1: A POLÍTICA NAZISTA E O PRELÚDIO AO HOLOCAUSTO JUDEU

1.1 O INÍCIO DA BANALIDADE DO MAL

Houve, em toda a história da Humanidade, muitas oportunidades nas quais ser humano foi movido pelo extremo, buscando se afirmar usando a força bruta ou as palavras. O poder da oratória é um 'dom' que poucos conquistaram durante os séculos, partindo de Aristóteles aos tempos atuais. "Com a presença da palavra, que se torna instrumento político e alimenta a discussão e a argumentação, as manifestações mais importantes da vida social tem um caráter de plena publicidade, ligadas a que estão a interesses comuns". (CAMBI, 1999, p.78). Partindo dessa máxima, a Segunda Guerra Mundial não foram só armas e bombas, mas muitas palavras foram usadas como munição, onde que, para alguns, eram sinonimo de afirmação, para outros eram sinônimo de morte. O saber falar em tempos de crise social e política, era algo que as massas ansiavam. Não somente partindo de ideias simples e diretas, mas "as grandes massas de povo só podem ser influenciadas pelo poder da palavra". (SHIRER, 1964, p. 52).

Compreender o que levou ao que hoje conhecemos como Nazismo, vai muito além das ideias que pregavam seus líderes. Analisando os vinte e cinco pontos do programa do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) ou mais conhecido como Partido Nazista, especificamente no ponto 4, definição de cidadão (*Volkgenosse*), onde apenas membros de raça, ou seja, apenas alemães de sangue puro poderia ser um cidadão. Ninguém acreditava que Adolf Hitler seguiria à risca a maioria dos pontos anunciados na década de 1920 em uma convenção do Partido. Ainda vivendo sobre a sombra da derrota na Primeira Grande Guerra, a Alemanha vivia na incerteza econômica e social. A moeda alemã não tinha sequer valor, o poder de compra dos alemães não existia e a fé do povo fora destruída. Para Shirer (1964), as massas, o povo, porém não percebiam o quanto os magnatas da indústria, do exército e do Estado se achavam beneficiados com a ruína da moeda e que, para os Nazistas, uma época como aquela era coisa enviado do céu ou seja, recém tinham aparecido no cenário político alemão, crises como estas alimentavam as novas convicções nacionalistas, que posteriormente durante a depressão em 1929, muitos desses discursos ficariam cada vez mais fortes e avançando a fala para este ano, podemos ver em SHIRER (1964, p.210),

que “Hitler predissera a catástrofe, mas não era capaz de compreender, melhor que qualquer outro político, como sobrevivera”. E com isso o discurso de ódio antissemita aumenta por conta das manifestações dos nazistas.

Após o final da Primeira Grande Guerra, antes de se tornar uma República, a Alemanha estava em meio a uma revolução. A capital Berlin vivia uma greve geral e outros eventos para a derrubada do Kaiser e estabelecer uma República parlamentarista na Alemanha. As causas dessa revolução foram os efeitos causados na economia por conta da Primeira Guerra e com a crescente ideia da Internacional Comunista e a revolução Russa de 1917. O Partido Comunista tentou promover a República comunista sem sucesso. Em 11 de agosto de 1919 nasce a República de Weimar, que dura até 1933.

Com esses eventos pairando sobre os primeiros anos de 1920, Hitler que já era considerado o líder do Partido Nazista, em uma súbita iniciativa fracassada para dar um golpe e tomar o governo, fora preso e sentenciado a prisão. Fato conhecido como o “Putsch da Cervejaria”. Preso, escreveu o livro *Mein kampf* (Minha Luta) – é considerada a bíblia dos Nazistas – onde deixa claro todo o seu pensamento antissemita e os planos para assim erguer uma Alemanha que estava devastada financeira, ideologicamente e, segundo o mesmo, racialmente. Em se tratando desta ideia relacionada à questão judia, esse antissemitismo alemão existia muito antes de Hitler e só a partir de suas ideias demasiadamente radicais pudemos conhecer o que estaria por vir, deixando claro o que a guerra nos mostrou ao fim dela.

Holocausto ou *Shoah* (em hebraico, que significa literalmente destruição, ruína ou catástrofe) é o termo dado pela historiografia para denominar o que aconteceu com os judeus na Alemanha Nazista e em países ocupados pelo regime (CAVALCANTE, 2012, p.212). Torturas, assassinatos em massa e confinamento em guetos ou campos de trabalho, de extermínio ou de prisioneiros políticos, o Holocausto ficou representado como sinônimo de atrocidade e crueldade com o ser humano. Ao falar desse termo Holocausto ou *Shoah*, usaremos nesse primeiro momento Holocausto, nome dado pela historiografia ocidental para designar “grandes massacres”.

Entretanto, muito do que ocorreu com os judeus durante a guerra ficou registrado em marcas na pele ou simplesmente marcadas em palavras ditas pelos

sobreviventes. De um lado homens armados e de outro uma população indefesa pela diferença étnica.

Para Bauman (1998),

O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura. (BAUMAN 1998, p.10)

Pelas palavras do filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman, podem se passar séculos, mas se tratando de compreender essa tragédia, ela continuará a deixar lacunas. Ainda assim, o Holocausto é de fato um marco na história judaica, mas nela também há outras populações que padeceram nos campos de extermínio, deixando claro que há outras formas de apontar o Holocausto. Trazendo para o campo social, seguindo a ideia de Bauman, em que o Holocausto é algo criado na modernidade, onde afirma que “o Holocausto foi um choque único entre as velhas tensões que a modernidade ignorou.” (BAUMAN 1998, p.13).

Quando Bauman se refere ao Holocausto como nascido numa sociedade moderna, ao falar em modernidade pensando nos anos 40, olhamos para a sociedade como uma máquina eficiente do seu tempo. Propondo um entendimento deste período, o autor se utiliza do seguinte trecho:

[Auschwitz] foi também uma extensão mundana do moderno sistema fabril. Em vez de produzir bens, a matéria-prima eram seres humanos e o produto final, a morte, com tantas unidades por dia cuidadosamente registradas nos mapas de produção do administrador. As chaminés, que são o próprio símbolo do moderno sistema fabril, despejavam uma fumaça acre de carne humana sendo queimada. A malha ferroviária da Europa moderna, com sua brilhante organização, passou a transportar uma nova matéria-prima para as fábricas. E da mesma maneira que fazia com outros tipos de carga. Nas câmaras de gás as vítimas inalavam gases letais desprendidos por pelotas de ácido prússico, produzidas pela avançada indústria química da Alemanha. Engenheiros projetaram os crematórios; administradores de empresa projetaram o sistema burocrático, que funcionava com um capricho e eficiência que nações mais atrasadas invejariam. Mesmo o próprio plano global era um reflexo do moderno espírito científico desvirtuado. O que testemunhamos não foi nada menos que um esquema de engenharia social em massa... (FEINGOLD, 1983, p. 399, apud BAUMAN, 1998, p. 26)

Ao pensar essa afirmação, Auschwitz era uma grande fábrica moderna de morte. Todo o conhecimento técnico compreendido na época, fora usada para fabricar mortes em larga escala, que conhecemos como a Solução Final. O ‘problema’ judaico seria resolvido pela máquina moderna implantada por esse ato

condenável, onde em todo o ano de 1941 aconteceram diversos massacres conduzidos pelos *Einsatzgruppen*⁴, que era comandado por Reinhard Heydrich, chefe do *Sicherheitsdienst (SD)*⁵, órgão da SS. As ações partiam de territórios ocupados pelos Nazistas. O modus operandi desses grupos era de reunir a população semita nos locais, transportavam essas pessoas para quilômetros fora da cidade, faziam com que se alinhassem próximo a covas feitas pelos próprios prisioneiros ou valas antitanques – nesse caso, durante os tempos de guerra, era comum haver resistência contra o exército alemão e seus blindados – e os fuzilavam. Visto que essas operações eram demoradas e com alto custo financeiro, houve outras formas de causar mortes em massa, como por exemplo por asfixia, onde em um caminhão adaptado eram colocados os prisioneiros e o gases do próprio caminhão era direcionado ao interior do veículo e a partir desses “grupos de ação”, foi possível as instalações dos campos de extermínio. Nesse ponto, a ideia de máquina de morte se fez eficaz e atingiu outro nível já conhecido.

1.2 HOLOCAUSTO, CHURBAN, SHOAH

Ao buscar mais a fundo estudos e pesquisas sobre a ‘Solução Final da questão judaica europeia’ (*Endlösung der europäischen Judenfrage*) arquitetada pelo nazismo, podemos datar a partir do final da década de 1940 as primeiras falas sobre o ocorrido nos campos de extermínio. O que aconteceu e quem presenciou relatam por meio de escritos autobiográficos, de uma certa forma (in) diretamente sobre a máquina de extermínio, pois ao analisarmos friamente sobre o ocorrido, podemos citar Primo Levi, escritor chave sobre Auschwitz, onde relata o dia-a-dia vivido por ele no maior campo de extermínio nazista.

Nós, que sobrevivemos aos campos, não somos verdadeiras testemunhas. Esta é uma ideia incômoda que passei aos poucos a aceitar, ao ler o que outros sobreviventes escreveram – inclusive eu mesmo, quando releio meus textos após alguns anos. Nós, sobreviventes, somos uma minoria não só minúscula, como também anômala. Somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, jamais tocaram o fundo. Os que tocaram, e que viram a face das Górgonas, não voltaram, ou voltaram sem palavras. (LEVI, 1990, p.47 apud HOBSBAWM, 1995, p.11).

⁴ Grupos de Ação.

⁵ Serviços de Segurança.

Sobre a ideia de testemunha, precisamos compreender que nem todos aqueles que de alguma forma sobreviveram aos horrores dos campos de extermínio, conseguem falar sobre suas experiências. Em Elie Wiesel, um sobrevivente de Auschwitz, foi um dos primeiros a utilizar o termo Holocausto como sinônimo do que se tratou a questão da Solução Final, Wiesel diz:

“Eu procurava um termo suscetível de traduzir o que havíamos vivido e não o encontrava (...). Guerra, tragédia, destruição: essas palavras não me convinham e eu procurava uma outra. Nesta época, eu estudava o sacrifício de Isaac. E encontrei no texto o termo holocausto, em hebraico “ola”, que significa oferenda pelo fogo. Ele ressoava com tonalidade diferente, implicava um aspecto místico.” (COHEN, 1987, p. 54, apud DANZIGER 2007, p. 2)

Vindo de um cunho religioso, muitos historiadores da Solução Final, utilizam outros termos ou simbologias para denominar esse evento vinculado a prisão e morte. Em Agamben (2008) podemos observar essa não utilização, onde deixa bem claro que o termo Holocausto se remete aos acontecimentos relatados na bíblia e as mortes ocorridas nos campos de extermínio, não ocorreu de forma “divina”, mas sim “humanas”. Ainda segundo Agamben (2008, p.34) “a história semântica do termo Holocausto é, principalmente, cristã, pois os homens da igreja o utilizaram para traduzir, sem maiores rigores, a doutrina complexa do sacrifício na Bíblia”.

Entretanto, o termo Holocausto desempenhou um papel importante no próprio discurso das vítimas e há motivos éticos para honrar essa escolha. Fica claro para denominar as ações dos Nazistas perante aos povos perseguidos – nesse caso os judeus – o Holocausto fica mais próximo da realidade presenciada pelos sobreviventes. Porém, antes de usar esse termo, Elie Wiesel retrata que era comum após a guerra algum judeu perguntar a outro “onde você estava durante o *Churban*?” (COHEN, 1987, p. 54, apud DANZIGER 2007, p. 3). O termo *Churban* não deixa de ter relações religiosas, que em hebraico significa destruição, onde é relacionado com as destruições do Templo de Jerusalém. Ainda em uma terminologia religiosa, o termo *Churban* deixou-se de ser usado e passou-se a usar outro termo, também religioso – mas entre os judeus – a palavra *Shoah*, que em hebraico, significa literalmente destruição, ruína ou catástrofe. Como já citado neste presente trabalho, esse termo fora usado especificamente entre os Judeus ainda

mesmo durante os anos da guerra na Palestina, pois surgia relatos sobre o que estava ocorrendo na Europa com a população judia europeia.

As terminologias usadas para dar nome ao que ocorreu nos campos de extermínio, são apenas símbolos de um genocídio pensado em nome de um ideal pífio e sem precedência. Essa representação linguística só reforça a banalidade dos Nazistas. A ideia de um termo religioso, faz com que os historiadores repensem como construir a narrativa acerca da Solução Final. Ao pensarmos no povo judeu como um povo religioso, trazem à tona etimologias para suas ‘sentenças divinas’ e modo como o próprio termo é utilizado atualmente, mas contém novos significados e, à luz de seu passado bíblico, informa experiências atuais (DANZIGER, 2007). Os termos Holocausto e Shoah são usados para explicar os acontecimentos relacionados a Solução Final dos Judeus e a palavra hebraica deu nome ao filme de Claude Lanzmann, e este termo talvez seja a razão de sua utilização na França, enquanto nos Estados Unidos – e por exemplo no Brasil – é falado ainda com mais ênfase o termo Holocausto. O filme de Lanzmann, *Shoah*, foi marcado por sua multiplicidade de línguas e em suas inúmeras traduções não pretendem pacificar a diversidade de nomenclaturas, mas retratar os testemunhos e suas reflexões.

Seguindo a corrente do estudo sobre o Holocausto, após a queda do muro de Berlin em 1989 e sobretudo da dissolução da antiga URSS em 1991 e abertura dos arquivos soviéticos, historiadores puderam ter acesso a uma vasta documentação sobre os campos de extermínio e ter acesso a essa documentação muda alguns olhares sobre os anos que antecederam o *Shoah* (CAVALCANTE, 2012). Ao pensarmos em como se deu o início da questão judia na Alemanha Nazista, podemos perceber que tudo se deu por etapas e não foi previamente pensado em erradicar todos os judeus da Europa dominada pelos Alemães. A historiografia do Holocausto nos aponta algumas questões que precisávamos compreender antes de chegar no último ato dos Nazistas para com os judeus. Em primeiro lugar, temos que conhecer que o antissemitismo já existia muito antes de Hitler e qualquer outro arquiteto da Solução Final. Ao pensar numa cronologia dos acontecimentos, podemos trabalhar em partes para assim chegarmos numa compreensão mútua.

Ao assumir a chancelaria, Hitler já põe em prática uma das bases lançada pelo Partido Nazista nos anos 20, que seria a exclusão total dos judeus da Alemanha, onde os nacionais-socialistas atribuíam seu “declínio” a comunidade

judaica e a partir desse princípio básico, diversas leis foram criadas para dar ação aos objetivos. Entre 1933 e 1935, os judeus foram excluídos da vida pública alemã e assim proibidos de exercer qualquer atividade remunerada, ir a escolas e universidades, como também boicotes as lojas judaicas. A partir de 1935 até meados de 1938, com as Leis de Nuremberg, foram criadas diversas normas discriminatórias onde os judeus foram caracterizados como uma subespécie pelos alemães como podemos ver no corpo da lei a seguir. Sendo assim, a partir desta data, no dia 15 de setembro de 1935, quando foram decretadas a Lei de Cidadania do Reich, a Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemãs e o Primeiro Regulamento para a Lei de Cidadania do Reich - este em 14 de novembro de 1935 (o conjunto dos três ficou conhecido como as Leis de Nuremberg) - a condição judaica foi transformada numa sub-condição humana na Alemanha e os judeus foram desprovidos de qualquer vestígio de direitos civis. A definição de "judeu" consta do Primeiro Regulamento, Artigo V:

1. Um judeu é um indivíduo que descende de pelo menos três avós que eram judeus racialmente puros. O Artigo II, parágrafo, alínea linha 2 será aplicado. (Art. II, alínea 2: um indivíduo de sangue misto judeu é aquele que descende de um ou dois avós que eram judeus racialmente puros, mesmo que não seja um judeu de acordo com a seção 2 do Artigo V. Avós com 100 por cento de sangue judeu são aqueles que pertenciam a comunidade religiosa judaica). 2. Um judeu é também um indivíduo que descende de dois avós puramente judeus: (a) se era membro de uma comunidade religiosa judaica quando esta lei foi editada, ou se integrou a uma, após a edição desta; (b) quando a lei foi editada, era casado com uma pessoa judia ou foi subsequentemente casada com um indivíduo judeu; (c) é descendente de um casamento no qual um dos cônjuges é judeu, no sentido da seção 1, contraído após a entrada em vigor da Lei para Proteção do Sangue e da Honra Alemã, de 15 de setembro de 1935; (d) é descendente de uma relação extraconjugal que envolveu um judeu, de acordo com a Seção 1, e nasceu ou é filho ilegítimo nascido depois de 31 de julho de 1936. (GALINDO, 2015, p.6 apud MILMAN, 2004, p.43)

Em pouco tempo, essas leis foram estendidas para negros e ciganos e a partir de 1938 e se estendendo até 1941 - quando os judeus já estavam sendo enviados aos campos de concentração - ações contra os judeus já iam de apropriação de bens, perseguição, expulsão e criação de guetos para manter a população judia fora de vista do restante da população dita ariana. Para Hannah Arendt (1999):

Sem dúvida, um dos primeiros passos do governo nazista, em 1933, foi a exclusão dos judeus do serviço público (que na Alemanha compreendia todos os postos de professor, desde a escola primária até a universidade, e a maior parte dos ramos da indústria de entretenimento, inclusive o rádio, o

teatro, a ópera e os concertos) e a sua remoção de postos públicos. (ARENDT, 1999, p.27)

E que em novembro de 1938, ainda em Arendt (1999):

Para tirá-los desse engano, foi preciso levar a cabo os *pogroms* organizados de novembro de 1938, a *Kristallnacht* ou Noite dos Cristais, em que 7500 vitrinas de lojas judaicas foram quebradas, todas as sinagogas foram incendiadas e 20 mil judeus foram levados para campos de concentração (ARENDT 1999, p.27)

Durante o andamento da guerra até o seu final, podemos destacar então que, em 1941 se dá o início da “Solução Final da Questão Judaica”, contrariando o que muito se dizia sobre o seu início com a Conferencia de Wannsee⁶ de 20 de janeiro de 1942, que desde o Tribunal de Nuremberg, para Cavalcante (2012),

“os acusadores acreditavam que o Protocolo de Wannsee representasse o documento-chave do sistema de extermínio dos nazistas e até hoje essa ideia é amplamente divulgada. No entanto, muitos historiadores questionaram esse ponto de vista a luz de novos documentos e novas análises e desde o início da década de 90 tornou-se superada essa análise” (CAVALCANTE, 2012, p.79)

Essa conferencia ou reunião, foi de caráter emergencial para discutir o que poderia ser feito em relação aos judeus que restaram na Europa e como poderiam trabalhar a logística desses judeus que ainda ocupavam certas regiões. Nesse encontro, participou Adolf Eichmann, importante oficial nazista com o posto de *Obersturmbannführer* (tenente-coronel), responsável pela organização da Solução Final. O protocolo, contudo, ainda permanece algo misterioso e sem dúvida, a pesar de ser bastante documentado pelos nazistas e mesmo com muitos outros registros destruídos, nos remete a ideia que todo esse planejamento poderia ter sido para resolver o problema judeu o mais rapidamente. Pois, o extermínio de judeus por toda as regiões ocupadas pela Alemanha Nazista, já estavam acontecendo muito antes desse protocolo.

Para Hannah Arendt (1999), esse protocolo era para coordenar todos os esforços na implementação da Solução Final, onde ela afirma que “a discussão se

⁶ A Conferência tinha o objetivo de discutir um documento a respeito da “Solução Final da Questão Judaica” denominado de “Protocolo de Wannsee”, no qual se apresenta o número de judeus de toda Europa ocupada e alguns métodos de execução da “Solução Final”.

voltou primeiro para as ‘complicadas questões legais’ (...) eles deviam ser mortos ou apenas esterilizados?” (ARENDT 1999, p.71)

Voltando as nomenclaturas usadas para denominar a Solução Final, não há termos para rotular a barbárie humana perante ao outro ser humano. Na questão judaica, conclui Hannah Arendt (1989), a calamidade em relação aos judeus não se resumia apenas ao fato de eles não possuírem direitos, mas também de não pertencerem a qualquer comunidade, de não existirem mais leis para eles. Sendo assim, os judeus não tiveram qualquer participação na guerra, embora essa guerra tivesse sido declarada contra eles sete anos antes de ter sido declarada contra Polônia, a França e a Inglaterra (ARENDT, 2007).

CAPITULO 2: HOLOCAUSTO: MEMÓRIA E TESTEMUNHO

A partir do final da década de 1970, a Nova História propôs novas análises e estudos sobre a memória, surgindo outras interpretações, uma memória não é apenas individual, ela pode ser coletiva, pertencer a um grupo conforme Pollak (1989). Partindo desse pressuposto, os historiadores do Nazismo propõem estudos sobre as memórias dos sobreviventes do Holocausto, visto que muitos só passaram a falar sobre os anos de terror quase 40 anos após a libertação, ficando dois pontos-chaves: quebrar o silêncio acerca das experiências vividas, pelo simples fato de que em breve suas memórias irão se perder ou apenas expor ao mundo as atrocidades que sofrera, indiretamente acusando aqueles que de alguma forma foram responsáveis por essas atrocidades. Ainda em Pollak (1992), que para constituir uma memória individual ou coletiva, em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos em primeira pessoa. Em segundo lugar, são os acontecimentos que Pollak chama de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos por um determinado grupo ou pela coletividade à qual o indivíduo se sente pertencer.

Ao pensar a memória, segundo Pollak (1992) ao falar dos elementos que dão características a memória individual ou de coletiva, em primeiro lugar são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Ao usar como base essa perspectiva, a memória está ligada também ao trauma vivido individualmente e também coletivamente.

Usando como exemplo, em Pollak (1992), ele nos conta que:

Nos campos de extermínio, quando uma deportada estava grávida, a comunidade das mulheres a escondia para que não fosse morta. Como não poderia ter no trabalho o mesmo rendimento das demais, a grávida seria morta logo que fosse descoberta. Então havia esse problema agudo, da realidade biológica da mulher, da alegria do nascimento, coincidindo totalmente, naquele universo, com a inevitabilidade da morte, tanto do recém-nascido como da mãe. (Pollak, 1992, p.9)

Para entender essa narrativa, vamos observar dois pontos: a grávida e a comunidade das mulheres. A grávida ao saber que seu destino era a morte tanto dela própria, quando ao do bebê em seu ventre, já remete a um evento traumatizante. Ao ajudá-la, as mulheres que ajudavam a escondê-la, participavam

desse evento, no qual o torna coletivo, partindo do contexto “vividos por tabela” dito por Pollak.

Ora, se ao confrontar-se com suas memórias, certamente muitos querem “compartilhar suas dores” e ir contra esse esquecimento. Que para POLLAK (1989, p.12), do lado oposto a vontade de esquecer os traumatismos do passado frequentemente surge em resposta à comemoração de acontecimentos dilaceradores. Muitas vezes o silêncio é quebrado pelo simples fato do medo de ser esquecido.

Com a abertura dada pelos sobreviventes contando suas histórias, muito se produziu sobre os anos da guerra e sobre o que acontecia nos campos de extermínio. Hoje em dia, o Holocausto ainda permanece nas lembranças de várias sociedades. O Holocausto é uma tragédia judaica, mas é também uma tragédia de outras minorias, sem deixar de ser uma questão humana. Na questão de ser uma tragédia judaica, Bauman (1998) afirma que:

O Holocausto foi de fato uma *tragédia judaica*. Embora os judeus não tenham sido a única população submetida a “tratamento especial” pelo regime nazista (seis milhões de judeus estavam entre as mais de 20 milhões de pessoas aniquiladas a mando de Hitler), só os judeus foram marcados para o extermínio, a destruição total, e não tinham lugar reservado na Nova Ordem que Hitler pretendia instaurar. (BAUMAN 1998, p.10)

Em uma edição de *É isto um Homem?*, Primo Levi (1989, p. 329) afirmou que:

[...] era tão forte em nós a necessidade de narrar, que havia começado a escrevê-lo lá, naquele laboratório alemão em meio ao gelo, a guerra e os olhares indiscretos, ainda que soubesse que não poderia de modo algum conservar aquelas anotações, pois se fossem encontradas comigo me custaria a vida.

Propor uma compreensão de tal realidade, Levi optou por contar toda a sua experiência desde a deportação até a libertação de Auschwitz. Em sua obra mais conhecida, *É isto um Homem?*, entramos nas suas memórias e angústias, onde ao recordar a sua chegada em Auschwitz, Levi relata que assim que o caminhão onde estava parou, via-se um grande portão e, em cima do portão, uma frase bem iluminada escrita *Arbeit Macht Frei* – o trabalho liberta (1997, p.20).

Em discutir o significado ético do testemunho do Holocausto, Giorgio Agambem (2008) lembra que o latim tinha dois sentidos para testemunha: o de *testis* – espectador – e o de *superstes* – sobrevivente –, sendo este segundo sentido que invoca a condição de testemunha traumática do evento. Podemos considerar Levi como uma testemunha traumática do Holocausto. Visto que não só em seus escritos, mas em outras testemunhas, fica claro essa perspectiva apontada por Agambem. Em Elie Wiesel (2001, p.59), fica claro esse evento traumático quando relata uma conversa de um dos guardas de Auschwitz:

Lembrem-se sempre, gravem em sua memória. Vocês estão em *Auschwitz*. E *Auschwitz* não é uma casa de repouso. É um campo de concentração. Aqui, vocês têm que trabalhar. Senão, irão direto para a chaminé. Para o crematório. Trabalhar ou o crematório – a escolha está em suas mãos.

O Holocausto produziu muito relatos pessoais e histórias de sobrevivência. Muitos fingiam ser outras pessoas, documentos falsos, vida falsa. Tudo para sobreviver ao que seria dada como uma morte certa. Com as lembranças de um período trágico sobre o qual muitos ousaram expor as suas memórias, podemos hoje então compreender diversas ações individuais em nome da vida.

A desumanização do outro ou do inimigo, sempre existiu na história da humanidade, nas tribos, no mundo grego e romano, na idade média, no colonialismo e imperialismo europeu (ZUIN 2016, p. 204). Entretanto, no contexto do Holocausto, os homens (judeus), eram vistos como sub-raças e partir do momento que entraram em trens sentido aos campos de extermínio, passam a ser “porcos”, “coisas”, “cachorros”, de prisioneiros a nomenclaturas errôneas. Os *kapos* – em italiano que significa líder ou chefe – cuja comida era chamada de *fressen*, palavra usada para designar a alimentação dos animais, Levi recorda:

De vez em quando, o *Kapo* passa entre nós e grita: - *Wer hat noch zu fressen?* (Quem deve comer ainda?). Realmente, *fressen* não é bem “comer”. “Comer” é comer como gente, sentados à mesa, religiosamente: é *essen*. *Fressen* é comer como bichos. (LEVI, 1997a, p.76).

Os campos de extermínio, junto com sua base ideológica oriunda de um governo antissemita, impunham aos guardas a perda da humanidade e empatia perante ao outro. Os valores morais e culturais já não pertenciam mais àquela realidade.

Wiesel (2001, p.51) narrou uma fala dita por um *kapo* em Auschwitz:

Estão vendo ali, a chaminé? Estão vendo? As chamas, estão vendo? (Sim, estávamos vendo as chamas.) Para lá, é para lá que vão levar vocês. É o seu túmulo. Ainda não entenderam? Cachorros, então não entenderam nada? Vão queimar vocês! Calcinar vocês! Reduzir vocês a cinzas!

Nessas falas, fica claro que não havia uma comunicação direta entre os prisioneiros com qualquer guarda e quando havia, não existia um só momento de respeito ao próximo. Para Levi (1990a, p.53), “martelara-se na cabeça dos jovens nazistas que no mundo existia uma só civilização: a alemã”. E todas as outras, presentes ou passadas, só eram aceitáveis na medida em que contivessem alguns elementos germânicos, partindo de uma ordem em que a supremacia ariana era a única que deveria prevalecer.

Percebemos aqui a estrutura de relação de poder, entender as necessidades de sobrevivência desses prisioneiros e qual a realidade que estão vivendo, é fundamental para extrair toda a vivência dos sobreviventes. Compreender que aqueles campos eram usurpadores de identidades, de respeito, de dignidade, de escolhas. Mas não escolhas pessoais. Cada pessoa era dono da sua própria ação e isso os campos de extermínio não tiravam das pessoas que ali estavam.

O que tornou Primo Levi um exemplo de sobrevivente – exemplo que eu digo é na condição de poder narrar os acontecimentos com bastante detalhes - é que ele diante do temor da morte e após a libertação, não deixou perder sua humanidade perante as atrocidades que presenciou e assim pode compreender as suas ações e de outros companheiros e assim, Levi ainda argumenta que “*Auschwitz* [...] aconteceu, logo pode acontecer de novo: este é o ponto principal de tudo quanto temos a dizer” (LEVI, 1990, p.124).

Não só em Levi podemos observar os traumas vividos por aqueles que de alguma forma, sobreviveram ao terror da guerra particular dos judeus contra os alemães. Ao analisar Levi e Wiesel, cada um tem o seu trauma a ser enfrentado e para vencer ao trauma, usaram das palavras para combatê-lo. Palavras estas que marcam situações onde é possível entender que tudo não passou de ‘falas aumentadas’.

O termo “trauma nesse caso, é retirado de seu lugar de origem, a psicanálise, e trazido para a história, no intuito de auxiliar os historiadores na compreensão desse passado que não quer passar” (SCHUSTER e SILVA, p.748). E

assim escreve Konig (2015, p. 161): “mesmo quando você deixa o campo, o campo não deixa você”. Embora muitos dos sobreviventes conseguiram de alguma forma continuar suas vidas após a libertação, como Levi, tantos outros “não conseguiram lidar com a pressão e acabaram se suicidando” (KONIG, 2015, p. 161).

Ainda, segundo Eduardo Garcia Valle, “É importante compreender que as testemunhas dos horrores cometidos nos campos de concentração nazistas, na maioria das vezes eram testemunhas privilegiadas” (VALLE, 2011, p.1). Privilegiados pelo fato de estar vivo ou partindo de um outro ponto de vista, tal como, Primo Levi afirma que, os verdadeiros sobreviventes não somos nós, as autênticas testemunhas (LEVI, 1990, p47). Ao falar sobre essa relação entre o sobrevivente e o testemunho, Levi compreende que os libertados têm a obrigação de narrar o que realmente aconteceu e as testemunhas reais, são aqueles que de alguma forma, não sobreviveram aos horrores dos campos de prisioneiros.

Seguindo então a linha de raciocínio de Levi, observamos que há uma necessidade de falar sobre o que aconteceu. Em Michel Kleinsinger (2000), judeu polonês sobrevivente, deixa claro em sua biografia que “não podemos fugir de nós mesmos. Nosso destino não nos deixa escolha” (KLEINSINGER, 2000, p. 11).

Após o fim da Segunda Guerra, há um grande número de relatos e ações ministradas pelos sobreviventes. Pesquisadores tentam de alguma forma representar o que esses sobreviventes, qual cada um à sua forma, passaram nos anos de guerra e de confinamento nos campos. Porém, quando se trata de dar o testemunho daquilo que foi vivenciado, muitos optam por não falar justamente pelo fato de não passar por tudo novamente. Entra em questão o *trauma* que muitos carregam e carregaram após a libertação. Traumas psicológicos e traumas físicos. Traumas que saem do âmbito individual e passam a ser traumas coletivos. O que liga todos os sobreviventes dos campos, seria o contexto vivido por todos, no caso a guerra, as prisões, as mortes, os campos por exemplo.

Levi compreende que a necessidade de falar sobre o Holocausto, é pelo simples fato de ter sobrevivido. Já Kleinsinger, atribui a sua sobrevivência a “milagres constantes”. Então, seguindo essa ideia, volto ao ponto inicial onde os verdadeiros testemunhos são daqueles que viveram a experiência dos campos de extermínio até o final.

Ao trabalhar a memória, o testemunho e o trauma, não temos como fugir do principal percursor da narrativa do testemunho do Holocausto, que é o próprio

sobrevivente. E ao tratar desse assunto, não usar como referência os escritos de Primo Levi, por exemplo, para pensar como o ser humano pode se abster de suas convicções e de sua própria existência em tempos que sua condição está ameaçada. Ao narrar essa condição, Levi fala:

Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubaram também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, devemos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos. (LEVI, 1985, p25)

Ao dizer que os nazistas “roubaram até o nosso nome”, Levi propõe a dizer que, com os prisioneiros que chegaram em Auschwitz, após a *Seleção*, seriam marcados com números, ou seja, perderiam sua identidade. Estes números que os prisioneiros recebiam, eram gravados em sua pele em forma de tatuagem. Em *Numerado (2012)*, um documentário dirigido pelos cineastas Uriel Sinai e Dana Doron, onde o filme traz os relatos dos sobreviventes de Auschwitz e como receberam os números gravados em seus braços. O documentário busca dar ênfase na relação entre o número gravado na pele e que o Holocausto não acabou para essas pessoas. A memória a partir da tatuagem e dos relatos presenciados por todos, vai ao encontro com a memória e o trauma coletivo.

Relacionando as ideias de Levi, muitos sobreviventes apagaram todo e qualquer vestígio de sua vida passada, ou seja, a partir do momento em que foram libertados pelas forças aliadas em 1945. O primeiro desafio de um sobrevivente é voltar para casa. Mas qual casa? Ao refletir sobre isso, Levi trata de afirmar que os sobreviventes não tinham para onde ir.

As condições que a população europeia estava fadada com o fim da guerra, não alimentava nenhuma esperança por parte dos sobreviventes e assim muitos desses esqueceram ou fizeram essa escolha, para continuar vivendo. Como podemos ver nessa passagem, Levi diz:

A recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também Traumática, porque evoca-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa (LEVI, 1990:10)

Ao retomar o conceito de que Auschwitz era uma máquina moderna de morte, Levi deixava em evidência seu medo de não ser acreditado em todos os seus

relatos. Ao ler e trabalhar com as obras de Levi, a necessidade de testemunhar aquilo que não pode ser testemunhado, nos remete o quão traumático é para aqueles que de alguma forma, buscaram mostrar aos desacreditados suas experiências e suas memórias. Sendo assim, mesmo com o final da guerra, com a libertação, ao lembrar dos campos de extermínio, é algo traumático para esses sobreviventes e com isso muitos optam pelo esquecimento.

Com o sentimento de inferioridade, não por culpa deles próprios, mas como os nazistas os faziam sentir, é algo a somar nessa matemática de sentimentos que a máquina nacional-socialista impunha aos seus inimigos. Sentimentos esses que muitos deixaram de ter. Perdeu-se a partir do momento em que entraram nos campos. Perderam sua identidade e como animais foram marcados e colocado em condições que nem mesmos os animais eram tratados.

Portanto, seguindo a lógica de Levi, não estamos ao escape de um novo Holocausto surgir em meio as ondas de xenofobia e de racismo que vivemos em nosso tempo presente. Buscar alternativas para que as novas gerações não se percam em meio ao turbilhão de informações complexas e que, muitas vezes os “outros” levam a culpa por questões que nós mesmos produzimos.

Alem tudo isso, a questão racial revela, de forma particularmente evidente, nuançada e estridente, como funciona a fábrica da sociedade, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, dominação e alienação⁷ ou por assim dizer, historicamente a xenofobia já está enraizada no cotidiano das pessoas.

Para Bauman (1998):

Holocausto foi um acontecimento sem precedentes. Em praticamente cada um dos seus aspectos ele é único e não permite comparação com outros massacres, não importa quão sangrentos, praticados contra grupos previamente classificados como estranhos, hostis ou perigosos.

Ao pensar no Holocausto como acontecimento, partindo das palavras de Levi, não estamos salvos de que se repita, mas não como ocorreu na Europa na década de 1940. Se tratando de um Holocausto moderno, essa modernidade fez como na Alemanha Nazista, uma desculpa para iniciar uma guerra racial, passando pelo campo econômico e até religioso.

⁷ IANNI, Octavio. Estud. av. vol.18 no.50 São Paulo Jan./Apr. 2004 - <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100003> - Acesso em 22/08/2018

Sobre essa questão, Baumann faz dois questionamentos: “como foi possível tamanho horror? Como isso pôde acontecer bem no coração da região mais civilizada do mundo?” (BAUMAN 1998, p.11). Ao pensarmos nas respostas, são muitas que surgem para tentarmos compreender essas ideias. De um ponto de vista mais ‘neutro’, podemos dizer que o Holocausto apenas aconteceu lá e que cá não nos interessa. Que o Holocausto aconteceu em um espaço curto de tempo e que felizmente agora é passado. Mas se levantarmos a questão do Holocausto como uma ferida, ao fecharmos esta ferida, não podemos esquecer que ainda há cicatrizes que não podem ser removidas. Então podemos afirmar que o passado ficou no passado e o que ocorreu lá é mero acontecimento que se remete apenas naquele período? Seria inocente da nossa parte pensar apenas em uma resposta.

O Ensino de História precisa estar preparado para que situações como essas sejam explícitas. Estudar e compreender o Holocausto como referência para que as novas gerações não repitam os passos daqueles que foram, arquitetos de uma política racista, xenófoba e de ódio. Como docentes e educadores, é o nosso papel por um fim a essas disseminações, atentando ao fato que a escola é um lugar essencial para frear as ondas fascistas que brotam no seio escolar.

Tratar de um tema sensível aos olhos de alguns, o profissional da educação e pesquisadores desses temas, travam uma luta para não se deixar esquecer de memórias desses sobreviventes que deixaram seus medos e anseios e compartilharam os seus traumas, deixando como exemplo o respeito perante o outro sempre deverá prevalecer. O Holocausto apesar de ser um tema ainda pesquisado mundialmente, nos deixa ainda muitos questionamentos sobre todo o seu contexto.

CAPITULO 3: HOLOCAUSTO: IMAGEM E TESTEMUNHO

A ideia de testemunho não fica somente no campo da oralidade, mas no campo visual. As imagens, assim com a oralidade, também nos informam. Ela possui essa característica informativa e por sua vez, há uma história por traz dela. Como afirma Manguel (2000), a imagem dá origem à uma história, que, por sua vez, dá origem à uma imagem. Há um questionamento nessa afirmação: a imagem, a representação, ela pode ser lida? Podemos ver somente aquilo que já temos um conhecimento, em se tratando do Holocausto?

Ao ler o texto *Cascas* de Didi-Huberman, o mesmo apresenta diversos questionamentos sobre Auschwitz, o autor compreende que o campo é um lugar de memória, de medo, de dor e sofrimento. Para Didi-Huberman, Auschwitz é um espaço físico e um espaço de história. É um lugar de barbárie e de cultura. Ao ter como base essa afirmativa, podemos colocar em evidencia que, por se tratar de um local de cultura, Auschwitz atualmente, é um museu e todo museu é um produtor de cultura.

Podemos pensar que, Auschwitz é um local que lembra Auschwitz. As ações do tempo fazem que certas partes se modifiquem para preservar seu físico. Mas ao pensar Auschwitz como um local de memória, onde ocorreu a maior afronta ao ser humano, será que realmente conhecemos Auschwitz a partir das falas de Didi-Huberman? Para conhecer Auschwitz como um lugar de morte, precisamos então ir de encontro com as falas dos sobreviventes deste campo.

Peter Burke (2004) em *Testemunha Ocular*, compreende que as imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho. Volto a relacionar com a imagem de Auschwitz, onde as imagens do campo de extermínio se ligam com os testemunhos dos sobreviventes que viveram o lugar e presenciaram tudo o que acontecia lá.

Ao fazer essa ligação, segundo Burke (2004, p.21), é a ideia do “já vi isso” e “sei o que houve”, fica em evidencia, ou seja, um sobrevivente nos dias atuais, ao relatar algum momento que vivenciou em Auschwitz, o ouvinte já percebe essa ligação. A ideia de compreender se Auschwitz é realmente Auschwitz, que para Pierre Nora (1993, p.12), “os lugares de memória são, antes de tudo, restos”.

Ao usar desse preceito, o local serve de “gatilho” para memórias daqueles que ali viveram até a sua libertação e além de ser um produtor de cultura, vide Didi-

Huberman, é um lugar de trauma para os sobreviventes. Trauma que segundo Seligmann (2008, p.69) “é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa. O trauma mostra-se, portanto, como o fato psicanalítico prototípico no que concerne à sua estrutura temporal”. Apesar de Auschwitz não ser mais o que era, quando há um testemunho no presente, o narrador por sua vez, o tempo passado é o tempo presente da sua fala.

Nesta conexão entre o testemunho e a imagem, ela pode nos levar a vários caminhos para discutir de que forma o testemunho do Holocausto pode ser dado, e também de que forma pode ir de encontro a fala de Peter Burke, ao dizer que a imagem é muda. Ao ver a imagem de algum momento pertinente ao Holocausto, automaticamente já dispomos de conhecimento prévio sobre o ocorrido. Conhecimento este adquirido durante o estudo regular ou de qualquer forma visual que dispõe a falar sobre o Holocausto.

A capacidade de “não tradução” do testemunho, falo no sentido de compreender o que está sendo narrado ou mesmo dizer que não há palavras para descrever, a imagem ela faz parte para uma compreensão ou tentativa de mostrar o fato. Segundo Rancière (2012, p.91) “a diferença, na verdade, não está no conteúdo da imagem: está simplesmente no fato de que a primeira é um testemunho voluntário, enquanto a segunda é um testemunho involuntário”.

Lembrando a fala de Levi, que após a libertação, era muito difícil saber se as pessoas iam acreditar em seu testemunho e de muitos outros que ao se disporem a falar sobre suas vivências, poucos acreditavam que a narração era realmente verdadeira. Era algo totalmente desacreditado.

Levi sabia que ao narrar sua trajetória até Auschwitz e depois sua volta para casa, seria algo surreal para aqueles tempos de horror e que as pessoas já não sabiam em o que acreditar. A guerra além de roubar sua condição de ser humano, roubou suas próprias convicções do que é real ou não. Precisamos entender que o silêncio por muitas vezes, é a chave para representar aquilo que é irrepresentável.

Muitas vezes o silêncio vem junto com o anonimato. Jeanne Marrie Gagnebin (2006) compreende que esse anonimato pode se dar de duas formas:

Em primeiro lugar, o sofrimento, o sofrimento indizível que a Segunda Guerra Mundial levaria ao auge, na crueldade dos campos de concentração (que Benjamin, aliás, não conheceu graças a seu suicídio). Em segundo lugar, aquilo que não tem nome, aqueles que não têm nome, o anônimo, aquilo que não deixa nenhum rastro, aquilo que foi tão bem apagado que

mesmo a memória de sua existência não subsiste — aqueles que desapareceram tão por completo que ninguém lembra de seus nomes. (BENJAMIN 1974, apud GAGNEBIN 2006, p.54)

A imagem entra para dar voz aquele silêncio, mesmo que esse silêncio tenha sido vencido. Em outras palavras, podemos ver, ainda usando das palavras de Rancière que:

O argumento do irrepresentável cai então num jogo duplo. Por um lado, opõe a voz da testemunha à mentira da imagem. Mas, quando a voz cessa, é a imagem do rosto sofrido que passa a ser a evidência visível daquilo que os olhos da testemunha viram, a imagem visível do horror do extermínio. (Rancière, 2012, p.91)

Observamos a imagem a seguir:

Figura 1 – Solomon Honig



FONTE: www.facesofauschwitz.com/

Ao usar a imagem de Solomon Honig para mostrar a outra face do silêncio, mas aquele silêncio que fora vencido mesmo antes do final da guerra, aquele que fora a verdadeira testemunha do Holocausto, partindo das falas de Primo Levi. Analisando a imagem, percebemos que ela é um documento histórico, um registro que nos indica o que era feito quando os sobreviventes chegavam em Auschwitz.

Os Nazistas tinham registros de todos os prisioneiros que entravam nos campos de Auschwitz. A princípio todos os registros ficavam em uma central do governo da SS e todos esses documentos, com a aproximação do final da guerra, muitos foram destruídos. Não bastava matar os judeus: era preciso matar a testemunha da matança, “eis o mandamento principal dos responsáveis pelo extermínio” (ROUDINESCO, 2008, p. 137 apud VALENTE 2016, p.47)

A memória do Holocausto em sua relação com o testemunho, está ligada ao esquecimento e a transformação. Os sobreviventes, em sua grande maioria, tendem a esquecer essa memória pelo simples fato de apagar as imagens de horror e sofrimento que viveram em tempos de guerra.

A ideia de transformação, vem ao encontro da junção do trauma individual e do coletivo. Nesse sentido, a narrativa testemunhal e a coletiva, deixa claro que é impossível de narrar o Holocausto. Mas, impossível em qual sentido?

Buscando responder a essa questão, me atrevi a buscar biografias como as de Primo Levi, Eli Wiesel ou Michel Kleinsinger, por exemplo. Testemunhos biográficos que nos levam a conhecer os horrores de uma guerra particular entre Nazistas versus Judeus, ciganos, homossexuais, deficientes físicos e outras minorias – minorias que os nazistas achavam que eram inferiores a pureza racial ariana – e sobretudo, uma guerra que não houve vencidos ou vencedores.

Figura 2 – Prisioneiros aguardando atendimento médico.



Fonte: www.marinamaral.com/

Há quem diga que pelas imagens da libertação dos sobreviventes, esses seriam os verdadeiros vencedores. Esses sobreviventes foram os espectadores de um evento onde eles mesmos foram os protagonistas, em atuações onde os papéis eram impostos sem direito a mudanças. Para alguns, vale o esquecimento.

Ao retomar essa questão, voltamos aos últimos momentos antes dos Nazistas destruírem as provas que julgavam ser comprometedoras, onde os campos de extermínio, maioria deles, foram completamente destruídos ou parte deles, para apagar qualquer forma de rastro para dar aos sobreviventes veracidade do que realmente acontecia.

Com a aproximação do final da guerra e com a chegada dos russos no front leste, o alto comando nazista emitiu uma ordem para destruir tudo e qualquer vestígio sobre o que acontecia nesses campos. Sendo assim, qualquer documento ou resquícios que remetem aos campos, fazem parte ao associar o testemunho, da prova física, que para Abreu:

Ao falarmos de documento, naturalmente associamos o termo à ideia de prova, testemunho, constatação e, embutida nessa relação, a questão da verdade. A fotografia exerce um papel fundamental nessa relação de comprovação dos acontecimentos, e se caracteriza, no senso comum, como documento visual incontestável da existência de um determinado objeto ou fenômeno. (ABREU, 2010,p.13)

Fica evidente a preocupação dos sobreviventes ao narrar suas histórias, sem a comprovação material de fato, daqueles lugares por onde passou ou viveu nos tempos da repressão nazista. Ao ver as provas serem destruídas, muitos deixaram seus relatos e experiências de lado, não somente por esquecimento, mas por achar que ninguém acreditaria em suas falas. A imagem mesmo que retratando situações decorrentes no dia-a-dia dos campos, que da mesma forma serve como testemunho, ela poderia ser manipulada. Compreende-se então o verdadeiro medo dos sobreviventes ao fazer a sua narrativa. A ligação entre imagem e memória fica mais forte com o testemunho de muitos dos sobreviventes. Portanto, ainda em Abreu:

a fotografia, ao mesmo tempo em que certifica uma presença, também o faz com a ausência. Sendo a memória o meio pelo qual o passado ganha vida, fazendo da sua realidade também uma ficção, sua atividade requer uma exploração dos rastros do tempo. (ABREU, 2010, p.19)

A presença do presente vivido na memória dos sobreviventes, é algo que vive enraizado em diversos testemunhos. Destruir as provas materiais do assassinato de milhões de pessoas, da quase extinção de toda uma população que vivia em solo europeu, o historiador tem o papel de manter viva a memória e de preservar os materiais que restaram para que as gerações futuras não esqueçam o que aconteceu.

Mas como lembrar o que muitos querem esquecer? A fotografia nos mostra uma presença daquilo que não podemos esquecer ou as memórias daqueles que se propuseram a narrar sua vida no período de guerra e as marcas que muitos carregam no corpo. Que para Rancière (2012):

A prova que olhamos essas fotografias, ao passo que não suportaríamos a realidade que elas reproduzem. A única falha desse argumento de autoridade é que aqueles que viram aquela realidade, sobretudo os que fizeram as imagens, devem tê-la suportado. (RANCIÈRE 2012, p.89-90)

Ao reconstruir a memória do Holocausto, o historiador precisa saber da importância do uso da imagem para construir a sua narrativa. O uso de imagens nos submete ao mundo de barbárie que os judeus e outras minorias foram submetidos. Quando tratamos o Holocausto como um evento traumático, já perpetua em nossa direção os sentimentos de culpa daqueles que puderam falar e optaram pelo silenciamento.

Olhando por esse ponto, Primo Levi conta que muitos dos sobreviventes ouviam dos soldados da SS: “seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito” (LEVI, 1990, p. 9). Com isso, voltamos a ideia da destruição de provas que os nazistas fizeram quando a “outra” guerra estava praticamente perdida.

Cada sobrevivente possui a sua memória e testemunho particular, seu trauma e seu medo de que ocorra algo que possa chegar próximo do que aconteceu com eles. Retomamos as memórias de Nanette Blitz König. Em seu livro, conta que apesar de muitos sobreviventes conseguiram reconstruir suas vidas após a libertação, muitos não se libertaram do trauma. Segundo König (2015, p. 161), “mesmo quando você deixa o campo, o campo não deixa você”. Contudo, König

comenta que “muitos não aguentaram a pressão e acabaram cometendo suicídio” (KONIG, 2015, p.161).

Algo a ser observado, é que de uma forma ou outra, cada sobrevivente “soube” lidar com o seu trauma e suas lembranças dos guetos, das prisões, dos campos e das perdas de familiares e amigos próximos. Konig ou o próprio Levi, cada um teve sua visão particular do Holocausto e buscaram transpor suas memórias em palavras para que ações como essas proporcionadas em nome de uma ideologia, fique ao conhecimento de todos e que não aconteça novamente. Nesse caso, o maior medo daqueles que sobreviveram, é que discursos como os que Hitler e seus seguidores pregavam, voltem ao nosso presente com mais força. Para que isso não ocorra, ações pedagógicas precisam ser feitas para barrar qualquer foco de ideias que ultrapassem a racionalidade.

A Solução Final foi minimamente planejada. Ela faz parte das ações de homens racionais, onde a intenção era aniquilar aqueles cuja raça não era compatível com a suas. Homens comuns, com poderes políticos e de total acesso e controle de quem vive e quem morre. Era a ideologia da supremacia racial.

Enquanto comandante de Auschwitz, uma dessas pessoas ‘comuns’, afirmava que era responsável pela morte de 2,5 milhões de pessoas. Em depoimento, o *SS-Obersturmbannführer* Rudolf Höess, declarou responsável pelo assassinato de judeus por sufocamento pela emissão de gás. Essa confissão assinada está exposta no Museu Estadunidense Memorial do Holocausto⁸:

Eu declaro pelo presente e sob juramento que de 1941 a 1943, durante o período em que eu comandava o Campo de Concentração de Auschwitz, 2 milhões de judeus foram enviados para as câmaras de gás onde morreram envenenados e que 500.000 judeus foram mortos por outros métodos.
Rudolf Höess. 14 de maio de 1946.

Com o final da guerra e a partir da liberação dos campos, podemos conhecer o que acontecia dentro desses espaços. Essa ideia de controle dos Nazistas, passava pela condição de serem e/ou acharem seres superiores. Em *Mein Kampf*, nas Leis de Nuremberg ou no próprio Protocolo de Wannsee, a organização do genocídio já vinha sendo preparado, porém ninguém que vivia nos anos 30/40 imaginaria que chegaria a esse fim. Portanto, a Solução Final só passou por um mero título de um acontecimento que já estava em andamento. Os judeus em 1938

⁸ <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/artifact/hoess-affidavit> - Acesso em 08/11/2018.

eram enviados a campos de concentração fora das cidades e posteriormente enviados para a Polônia ocupada. O nacionalismo exacerbado dos nazistas ao ver que muitos judeus exerciam cargos públicos foi totalmente decisivo para alimentar esse ódio que conseguiu unir toda uma população.

3.1 HOLOCAUSTO: IMAGEM E ENSINO DE HISTÓRIA

Ao falar sobre esses discursos de décadas atrás, temos que atentar os mesmos discursos que percorrem o nosso tempo presente. Discursos estes que perpetuam por diversas faixas etárias e classes sociais. O papel dos professores em tempos como este, é orientar os alunos as condições que muitos desses sobreviventes narrados viveram, não se repitam. Propor atividades relacionadas ao tema como forma de orientação, leituras de testemunhos, exibições de audiovisuais para mostrar a importância de que algo dessa magnitude volte a ter lugar em nosso mundo moderno.

O uso de imagem para o ensino de história, precisar sair do método de apenas expor a imagem sem fazer a análise dela e do seu contexto histórico. Ao usar a imagem como forma pedagógica, não podemos deixar de lado o foco que ela está sendo utilizada, no caso o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Litz (2009, p.6) “por isso, qualquer imagem precisa ser bem utilizada e bem explorada e, quando necessário, articulada a um texto, passível de ser interpretada, pois, representa uma determinada época”.

Para Circe Bittencourt (2008), ao analisar uma fotografia como uma representação do real, para ela a “máquina fotográfica registra cenas verdadeiras, a fotografia reproduz o que realmente acontece” (BITTENCOURT 2008, p.366). Por trás da imagem, há sempre aquele que bateu a foto e que para tal ação, sempre há uma intenção por trás dela.

Compreender o uso da imagem em temas delicados como o Holocausto, precisamos ficar atentos no que a imagem quer falar. Ao ver uma imagem dos sobreviventes (ver figura 2), o aluno precisa perceber as relações humanas ali presentes para que ele mesmo possa ser crítico dessas ações por trás do contexto da imagem. Na imagem no exemplo citado acima, o fotógrafo registrou o momento que os prisioneiros aguardavam atendimento médico após a libertação. O registro pode ser analisado nessa perspectiva: a intenção era mostrar como os

sobreviventes estavam após a liberação e assim entender quais as condições que estes presos eram submetidos. Estudar o Holocausto, faz com que o aluno compreenda esses acontecimentos, para que não ocorra novamente.

O estudo de História tem como um dos objetivos formar cidadãos críticos do seu tempo, partindo das ações dos seres humanos no decorrer do processo civilizatório. Pensando assim, a história vai trabalhar dentro da sua perspectiva, do seu contexto histórico que para Litz (2009, p.11) “os acontecimentos se inter-relacionam no tempo e não estão circunscritos pelo espaço, permitindo que os alunos reflitam sobre os temas e a realidade de forma crítica e autônoma”.

O Holocausto possui vasta relação de fontes para seu uso no ensino de história e atualmente o uso de imagens pode ser considerada uma forma eficaz para auxiliar o professor em se tratando do ensino do Holocausto na sala de aula – considerações estas que faço na conclusão deste trabalho – e sair da zona de conforto que são os textos oriundos dos livros didáticos, a imagem serve como suporte didático para a aula.

CONCLUSÃO

O Holocausto como objeto de estudo, traz vários ângulos para analisar o seu teor histórico. Ao falar sobre esse tema tão complicado, mas ao mesmo tempo instigante - digo no sentido de saber os detalhes deste momento que até hoje é complexo ao falar - durante a pesquisa, me vi então, em várias frentes para fomentar esse trabalho. Entre uma leitura e outra, me vi tentado em trabalhar com um tema relativamente novo no campo historiográfico em se tratando do tema Holocausto, chamado de pedagogia dos traumas coletivos. Esse tema até então, por ser uma abordagem nova, poucos trabalhos encontrei para tratar dessa temática. Porém, não deixarei de dar minha contribuição pelo trabalho aqui escrito e dar como exemplo, o ensino do Holocausto em sala de aula através do uso de imagens.

Ao tomar um rumo para o meu trabalho, propus uma revisão historiográfica do Holocausto, a memória dos sobreviventes e o uso de imagens. Conclui que, ao usar a imagem como objeto de suporte para os professores, podemos usá-las como ferramentas para o ensino do Holocausto na disciplina de História. O Holocausto pode não existir como aos modos que os Nazistas implementaram, mas ele pode ser reinventado de formas e viés ideológicos diferentes.

Ao falar sobre esses discursos de décadas atrás, temos que atentar os mesmos discursos que percorrem o nosso tempo presente. Discursos estes que perpetuam por diversas faixas etárias e classes sociais. O papel dos professores em tempos como este, é orientar os alunos as condições que muitos desses sobreviventes narrados viveram, não se repitam. Propor atividades relacionadas ao tema como forma de orientação, leituras de testemunhos, exibições de audiovisuais, amostra de imagens, para mostrar a importância de que algo dessa magnitude não volte a ter lugar em nosso mundo moderno. Algo que ficaria como sugestão para que professores, ao abordar este tema, uso de imagens previamente selecionadas para que os alunos, através da empatia histórica, compreendessem a importância de episódios como este não ocorram novamente.

Durante a minha pesquisa, em atuação em sala de aula perante a Disciplina de Estágio III, trabalhei o conteúdo relacionado a Segunda Guerra Mundial. Ao tratar do tema Holocausto, usei do conceito de empatia e literacia histórica para trabalhar essa temática e alcançar meu objetivo. Como referência,

usei Peter Lee (2006) para montar toda a estrutura teórica. A partir daí, pude organizar o material didático para trabalhar esse conteúdo.

Em primeiro lugar, precisar delimitar o cronograma das ações nazistas perante os judeus e outras minorias. Tracei uma linha do tempo a partir das Leis de Nuremberg até a libertação dos prisioneiros. O espaço usado fora a própria sala de aula. Em segundo lugar, precisa ver qual material se encaixava melhor perante a turma e como poderia prender a atenção deles e usei como ponto de ligação com o tema, optei então pelo uso da fotografia como suporte didático.

Como suporte para a aula, precisei usar o Datashow, para que assim a aula fluísse mais naturalmente e que todos pudessem prender a sua atenção. Obviamente, trouxe cópias das imagens usadas para que se houvesse algum problema no recurso eletrônico e assim a aula continuaria sem problemas. Pedi que os alunos usassem apenas um lápis ou caneta e uma folha de papel. Separei quatro imagens, de acordo com o cronograma a partir do início da Solução Final. Antes de exibir as imagens, fiz uma pequena fala de todo o processo que os judeus foram submetidos até serem enviados aos campos de concentração. Como espaço, usei Auschwitz II, o campo de extermínio mais conhecido.

Cada imagem sugere uma fala sobre ela. A primeira imagem usada, foi a de Solomon Honig, imagem que usei neste trabalho. Expliquei que ao chegarem em Auschwitz, todo prisioneiro recebia um número. Eles não possuíam mais identidade e agora eram apenas números perante os soldados nazistas. Pedi que os alunos olhassem sua expressão facial e respondessem no papel o que eles sentiam ao ver essa imagem. Os 16 alunos que participaram dessa aula, na primeira imagem observada, usaram a palavra “medo” para descrever o que estavam sentindo ao ver e se colocar no lugar de Solomon Honig. A partir então, pude perceber algumas reações após a exibição da imagem. Muitos estavam inquietos e meio sem entender realmente qual a proposta do trabalho. Claro, eles poderiam não estar entendendo, mas já estavam assimilando o que essas pessoas passavam.

Ao ir para a segunda imagem, usei a imagem da Seleção feita na chegada de Auschwitz. Imagem que usei nesse trabalho também. Expliquei aos alunos para qual finalidade era feita a Seleção. Comentei que a foto era feita em dois momentos, uma com os judeus enfileirados guardados por soldados da SS e a outra, a mesma imagem, porém é o campo nos dias atuais. Ao falar sobre esse contexto, fiz uma pequena dinâmica, onde simulei uma “seleção” entre os alunos.

Classifiquei a sala em duas categorias: homens e mulheres. Expliquei que a Seleção caracterizava quem possivelmente sobreviveu e quem já ia diretamente para as câmaras de gás. Comentei, que durante a Seleção, alguns judeus eram selecionados para exercer funções dentro do campo, os chamados *Sonderkommandos*. Eram responsáveis pelo trabalho de controlar as filas de presos nas câmaras e de cuidarem dos crematórios. Levantei a seguinte questão aos alunos: o que vocês fariam que o destino de vocês estava nas mãos daquele soldado? Ele era o carrasco e o salvador. Os alunos responderam que “era angustiante saber que alguém era dono do seu destino e que nada poderia fazer. Um misto de tristeza, revolta e não saber o seu futuro”.

Partindo para a terceira e quarta foto, os alunos foram submetidos a imagens dos *Sonderkommandos* em um dos crematórios construídos em Auschwitz e de outros em uma floresta nos arredores do campo, onde era feita uma grande vala com corpos empilhados que eram cremados. Essas duas imagens, trabalhei de forma conjunta. Coloquei os alunos como *Sonderkommandos* e perguntei: agora que vocês estão trabalhando para a máquina de morte nazista, me respondam o porquê de ajuda-los a exterminar pessoas iguais a vocês? Antes mesmo de alguém murmurar qualquer resposta – usei das palavras que ela afirmou a sua resposta – uma aluna de antemão gritou: “ah sor, eu preferia morrer! Não ia fazer isso nunca! Credo!” Outros ficaram divididos entre fazer o “trabalho” ou de “morrer” por não fazer o que era mandado.

De todas as imagens mostradas no trabalho, a mais impactante fora a imagem do Solomon Honig. Percebi que esses alunos não conheciam realmente o que acontecia nesses campos e todo o ódio que os alemães pregavam contra os judeus e como eles alimentavam sua guerra racial particular. Alguns ainda tinham um conhecimento prévio de filmes que viram, como por exemplo o filme *O menino do pijama listrado* (2008) dirigido por Mark Herman.

Esse tipo de abordagem para tratar de um tema tão delicado, fez que eu buscasse alternativas para explicar a esses alunos o quão triste é alguém se sentir preso e sufocado por algo que não teve culpa, no sentido que os judeus, nessa questão, eram culpados por tudo o que a Alemanha passou, sendo que a grande culpada fora ela mesma. A Segunda Guerra Mundial é um evento que possui diversas marcas e traumas por aqueles que lutaram ou morreram durante os anos de 1939 até 1945. Assim, como futuro professor de História, ao passar por

conteúdos como estes, em relação aos traumas vividos pelos sobreviventes do Holocausto por exemplo, aos estudos sobre o nazi-fascismos, deixamos aos alunos cientes que ações como as citadas nesse trabalho, não se repitam “*Nie wieder!*” (“nunca mais!”).

REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. São Paulo: Boitempo, 2008, 169p.
- ALOTTI, Luciano (Org.). **Pró e Contra: O julgamento da História**. 8. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1975. 160 p.
- ARENDT, Hannah **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 336 p
- _____. **A origem do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989;
- BARCA, Isabel. **Literacia e Consciência Histórica**. Curitiba: UFPR, 2006. 19 p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 183p.
- BENZ, Wolfgang. **Der Holocaust**. München: Beck, 1995; **BENZ, Wolfgang. Die Dimension des Völkermords, no livro por ele organizado Dimension des Völkermords: Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus**: München, 1991
- BITTENCOURT, Circe. **Documentos não escritos na sala de aula**. In: Ensino de História: Fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2008.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: ed. da Unesp, 1999.
- CAVALCANTE, Ania . **O universo concentracionario nazista de 1933 a 1945 e a implementacao da "Solucao Final da Questao Judaica", 1941-1945**. In: Andrea Borelli; Rodrigo Medina Zagni. (Org.). Conflitos armados, massacres e genocídios. Soa Paulo: , 2012, v. , p. 76-96.
- DANZIGER, Leila. **Shoah ou Holocausto? A aporia dos nomes**. Revista de Estudos Judaicos da UFMG, v. 1, n. 1, p. 50-58, 2007.
- FINKELSTEIN, Norman G. **A indústria do holocausto: reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000;
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1991.p.136p. (Coleção Logoterapia)
- HOBSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 1077 p.
- KLEINSINGER, Michel. **Nas asas da esperança**. São Paulo: Vida e Consciência, 2000, 227 p.

Konig, N. B. **Eu sobrevivi ao Holocausto**. São Paulo. Universo dos Livros, 2015.

LEE, Peter. **Literacia histórica e história transformativa**. 60. ed. Curitiba: UFPR, 2016. 37 p.

_____. **Em direção a um conceito de literacia histórica**. Curitiba: UFPR, 2006. 19 p.

LERNER, Katia. **Entrevistando sobreviventes do Holocausto: reflexões sobre a construção de um arquivo**. 36. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2005. 16 p.

LEVI, P. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Os afogados e os sobreviventes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LITZ, Valesca Giordano. **O uso da imagem no ensino de História**. Curitiba: UFPR, 2009, 43 p.

MARQUES, Oswaldo H. Duek. **Contribuições para a compreensão do nazismo: a psicanálise e Erich Fromm**. Editora WMF Martins Fontes, 2017. 232 p.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade social**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Histórico, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989

SHIRER, Willian L. **Ascensão e Queda do III Reich**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira Sa, 1964. 417 p.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos; Schurster, Karl. **A historiografia dos traumas coletivos e o Holocausto: desafios para o ensino da história do tempo presente** Estudos Ibero-Americanos, vol. 42, núm. 2, mayo-agosto, 2016, pp. 744-772 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil

WEISS, Helga. **O diário de Helga**. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro. Intrínseca, 2013. 238 p.

WIESEL, E. **À noite**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ZUIN, João Carlos Soares. **Primo Levi: the writer-witness of Auschwitz**. Perspectivas, São Paulo, v.29, p.193-216, jan./jun. 2006.